

DESCARTES
E A METAFÍSICA
DAS *MEDITAÇÕES*

Coleção **COMO LER FILOSOFIA**

Coordenação: Claudiano Avelino dos Santos

- *Como ler a filosofia da mente*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler um texto de filosofia*, Antônio Joaquim Severino
- *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*, Renold Blank
- *Inteligência artificial*, João de Fernandes Teixeira
- *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino*, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
- *Uma introdução à República de Platão*, Giovanni Casertano
- *Como ler os pré-socráticos*, Cristina de Souza Agostini
- *Filosofia do cérebro*, João de Fernandes Teixeira
- *Mestre Eckhart: um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*, Matteo Raschietti
- *Como ler Jean-Jacques Rousseau*, José Benedito de Almeida Júnior (eBook)
- *Como ler Wittgenstein*, João da Penha Cunha Batista
- *Fazer filosofia: aprendendo a pensar como os primeiros filósofos*, Barbara Botter
- *Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI*, Rogério Jolins Martins; Hubert Lepargneur
- *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*, Jair Barboza
- *Por que estudar filosofia?*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler filosofia clínica, ou melhor, a orientação filosófica: prática da autonomia do pensamento*, Monica Aiub
- *Como ler Maquiavel: a arte da política*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Como ler Santo Agostinho: terapia da alma e felicidade*, Luiz Marcos da Silva Filho
- *Introdução a Xavier Zubiri: pensar a realidade*, Matheus Bernardes
- *Descartes e a metafísica das Meditações*, Rafael Teruel Coelho

Rafael Teruel Coelho

**DESCARTES
E A METAFÍSICA
DAS *MEDITAÇÕES***

Apresentação

Prof.^a Dr.^a Tessa Moura Lacerda (USP)

Revisão técnica

Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva (USP)



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Darlei Zanon*
Coordenação editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *André Tadashi Odashima*
Diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*
Imagem da capa: *iStock*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Coelho, Rafael Teruel
Descartes e a metafísica das Meditações / Rafael Teruel Coelho. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Como ler filosofia)

Bibliografia
ISBN 978-85-349-5163-0

1. Filosofia francesa 2. Descartes, René, 1596-1650 I. Título II. Série

23-3316

CDD 194

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code acima.
Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5163-0

*À memória de padre Adilson Carreira,
amigo de alma e coração.*

Agradecimentos

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Tessa Moura Lacerda e ao Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva, docentes do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, pelo zelo e dedicação com os quais sempre iluminaram minhas pesquisas.

Na pessoa da Prof.^a Dr.^a Marilena de Souza Chaui, agradeço a todos os colegas do Grupo de Estudos Espinosanos da Universidade de São Paulo, pelas proveitosas discussões filosóficas que ganham lugar nas tardes de terça-feira.

Sou grato, de alma, aos Padres e Irmãos Paulinos da província brasileira, especialmente a Pe. Prof. Dr. Claudiano dos Santos, Pe. Carlos Alberto Pinto e Pe. João Paulo da Silva, por incentivar e aceitar este trabalho sobre Descartes e seu legado para a Modernidade filosófica e científica.

Agradeço a Marlon Henrique Aramor, por professar o amor, e à Dr.^a Larissa Teotônio Maria, por concretizá-lo todos os dias.

Sumário

Apresentação:

A radicalidade do projeto de Descartes

e o mundo ao redor..... 11

A dimensão prática do projeto

de sabedoria cartesiano 12

Onde estão as filósofas

no cânone da filosofia moderna? 15

Outros mundos possíveis

em outras narrativas possíveis..... 18

Introdução..... 21

1. “Das coisas que se podem colocar em dúvida”

(Primeira meditação) 25

1.1: O argumento dos erros dos sentidos..... 27

1.2: O argumento do sonho 31

1.3: A dúvida metafísica:

o Deus enganador e o gênio maligno..... 34

2. O que é a alma?

(Segunda meditação) 37

2.1: A existência de um “eu” 37

2.2: O que sou eu, portanto?..... 40

2.3: O pedaço de cera 42

3. Quem é Deus?

(Terceira meditação) 47

3.1: O conceito de representação 48

3.2: A ideia de Deus..... 49

3.3: Objeções possíveis à verdade da ideia de Deus 53

3.4: O princípio de causalidade 61

3.5: A *res divina*: quem é Deus? 63

| | |
|--|-----|
| 4. O problema do erro | |
| (Quarta meditação) | 67 |
| 4.1: Um problema de teodiceia | 67 |
| 4.2: Podemos culpar Deus por nossos erros? | 71 |
| 4.3: O entendimento e a vontade: uma explicação do erro formal | 74 |
| 5. As essências das coisas materiais e o argumento ontológico | |
| (Quinta meditação) | 79 |
| 5.1: Os entes matemáticos e suas particularidades | 81 |
| 5.2: O argumento ontológico | 84 |
| 6. O que é o Homem? | |
| (Sexta meditação) | 89 |
| 6.1: A imaginação | 90 |
| 6.2: A sensação | 93 |
| 6.3: A distinção real entre a alma e o corpo..... | 96 |
| 6.4: Prova da existência das coisas materiais | 99 |
| 6.5: A união substancial da alma e do corpo | 103 |
| Conclusão | 107 |
| Bibliografia | 111 |

Apresentação

A radicalidade do projeto de Descartes e o mundo ao redor

René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de março de 1596 – Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650) publicou as *Meditações metafísicas* em 1641. No mesmo ano, o filósofo publicou as *Objções e respostas* para esse texto, seis séries de objções feitas por doutos contemporâneos com suas respostas às questões levantadas. A publicação não apenas das *Meditações*, mas também das *Objções e respostas* mostra o quanto o próprio Descartes valoriza seu texto e quer dar a conhecer seu projeto de conhecimento.

Reconhecendo a importância que o próprio Descartes atribuía ao seu texto e a importância das *Meditações metafísicas* para o projeto radical cartesiano, devemos, todavia, nos precaver de três distorções criadas ao longo da história a respeito deste tema. A primeira distorção diz respeito ao “lugar” das *Meditações metafísicas* no interior do projeto cartesiano de conhecimento ou de sabedoria. A segunda distorção é apontada pelos projetos recentes de reescritura do cânone filosófico, com a redescoberta de novos nomes na história da filosofia, sobretudo de filósofas, no feminino, que foram apagadas da história no decorrer dos últimos séculos. A terceira diz respeito à própria construção de cânone filosófico que se fundamenta numa forma específica de saber, o saber dicotômico europeu. Vejamos.

A dimensão prática do projeto de sabedoria cartesiano

Qual o lugar das *Meditações metafísicas* no interior do projeto radical de conhecimento cartesiano? Antes de publicar as *Meditações*, Descartes já havia escrito *Olympica*, em 1619, obra perdida que narra o projeto de destruição do saber tradicional da investigação da verdade, segundo o biógrafo de Descartes, Baillet,¹ a partir dos três sonhos ou visões que Descartes teve na noite de 10 para 11 de novembro de 1619, e que revelaram ao filósofo os fundamentos de uma ciência admirável. Havia escrito também as *Regras para a direção do espírito*, ao longo da década de 1620, mas publicada apenas postumamente, obra na qual aparece muito claramente a ideia de método e de unidade ou unificação das ciências particulares, “todas unidas e interdependentes em virtude da unidade da razão ou, se se quiser, da sabedoria universal”.² A Regra I, com efeito, afirma que “as ciências nada mais são do que sabedoria humana [a razão], a qual permanece sempre uma e idêntica, por muito diferentes que sejam os objetos a que se aplique”.³ Gostaríamos de enfatizar essa ideia de unidade das ciências derivada da unidade da sabedoria universal, recuperando a imagem da árvore do conhecimento que aparece no texto *Princípios de filosofia*, de 1648. Mas, antes disso, completemos o comentário sobre as

¹ *Apud* MARICONDA, Pablo, “Introdução: ciência e técnica em *Discurso do método & Ensaios* de Descartes”, in DESCARTES. *Discurso do método & Ensaios* (organizado por Pablo Mariconda; traduzido por César Battisti, Érico Andrade, Guilherme Rodrigues Neto, Marisa Donatelli, Pablo Mariconda, Paulo Tadeu da Silva). São Paulo: Editora Unesp, 2018 – p. 17.

² MARICONDA, Pablo, “Introdução: Ciência e técnica em *Discurso do método & Ensaios* de Descartes”. Ed. cit. – p. 18.

³ DESCARTES, *Regras para a direção do espírito*. Trad. J. Gama. Lisboa: Edições 70, 1985 – p. 12 (Edição de referência: AT, X, p. 360).

Regras com uma observação sobre a Regra IV que se concentra na questão do método: “O método é necessário na procura da verdade”.⁴ Assim, a unidade das ciências pode ser entendida a partir da unidade do método. O que volta a ser afirmado quando Descartes escreve, e finalmente publica, em 1637, o *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar as verdades na ciência, mais A dióptrica, Os meteoros e A geometria que são ensaios desse método. O Discurso & Ensaios*, a primeira obra publicada por Descartes, é, afirma Pablo Mariconda, “unanimemente considerada como um marco fundamental para o processo de constituição da ciência moderna” (MARICONDA, p. 11). A edição organizada por Pablo Mariconda reúne os *Ensaio*s ao *Discurso*, que, desde o século XIX, passou a ser publicado sozinho, como se fosse um texto autônomo, o que, segundo Mariconda, levou a uma completa distorção sobre a filosofia prática de Descartes. O *Discurso* enuncia um método que só faz sentido se aplicado, como de fato acontece na *Dióptrica*, nos *Meteoros* e na *Geometria*. É essa unidade que evidencia a unidade das ciências garantida por um único e mesmo método racional.

Essa distorção em relação ao *Discurso do método*, gerada por vicissitudes históricas e interpretativas, pode servir de analogia para pensarmos a distorção que se criou também em relação à metafísica cartesiana presente nas *Meditações metafísicas* e no livro I dos *Princípios de filosofia*. Embora os *Princípios* tenham sido publicados quatro anos após as *Meditações*, vamos nos servir da imagem da sabedoria que Descartes apresenta no prefácio dos *Princípios da filosofia* para corrigir a distorção gerada também, cremos, por escolhas interpretativas ao longo da história, a respeito da metafísica de Descartes. O projeto radical cartesiano é um projeto de

⁴ DESCARTES, *Regras para a direção do espírito*. Ed. cit. – p. 23 (AT, X, p. 371).

sabedoria e, nesse sentido, é preciso levar em conta a filosofia prática de Descartes, não apenas a metafísica.

Como mostra Mariconda, quando a tradição interpretativa separou o *Discurso* dos *Ensaios* para os quais ele serviria de prefácio, perdeu-se a dimensão prática do projeto cartesiano de sabedoria. O método cartesiano passou a ser justificado pela metafísica, e a concepção cartesiana da ciência passou a ser considerada “desde sempre uma física metafísica (antes que uma física matemática mecanicista)”.⁵ A distorção em relação ao método envolve, portanto, uma distorção também em relação à metafísica, vista como independente da dimensão prática do projeto cartesiano de conhecimento. Essa interpretação que toma o método como dependente da metafísica, porque oblitera os textos nos quais o método, tornado público pelo discurso – que comporta essa ideia de publicização –,⁶ está sendo aplicado, ressoa na leitura que se faz da metafísica. A árvore da sabedoria descrita por Descartes, no prefácio dos *Princípios*, afirma que a metafísica é a raiz da árvore, a física é o tronco, e os três ramos principais são a mecânica, a moral e a medicina. O método não é dependente da metafísica, mas é sempre um método racional que é aplicado tanto na metafísica quanto nas ciências particulares. O projeto cartesiano é radical porque é um projeto de sabedoria que dá unidade às ciências e comporta necessariamente uma dimensão prática.

Assim, as *Meditações metafísicas* devem ser lidas como parte desse projeto de sabedoria que comporta experiências ou experimentos, o uso de hipóteses e analogias mecânicas

⁵ MARICONDA, Pablo, “Introdução: Ciência e técnica em *Discurso do método & Ensaios* de Descartes”. Ed. cit. – p. 13.

⁶ Cf. MARICONDA, Pablo, “Introdução: Ciência e técnica em *Discurso do método & Ensaios* de Descartes”. Ed. cit. – p. 16.

para o tratamento de assuntos diferentes e estabelece uma relação entre ciência e técnica.⁷

Mas o que significa interpretar a filosofia cartesiana como esse projeto radical que abriu caminho para a ciência moderna e a ciência tal como a conhecemos hoje? Passemos à discussão sobre o cânone filosófico e o lugar que Descartes ocupa nesta narrativa dominante da história da filosofia.

Onde estão as filósofas no cânone da filosofia moderna?

Toda história, afirma Carla Pinsky, “é história contemporânea: tem um compromisso com o presente”.⁸ Não podemos, hoje, ignorar a intensa discussão que se faz a respeito do que significa a história canônica da filosofia e o questionamento sobre a ausência das filósofas nessa narrativa.

Lisa Shapiro⁹ sugere que a constituição do cânone segue três ideias principais: “uma história causal, um conjunto de questões filosóficas centrais e um conjunto de obras claramente filosóficas”.¹⁰ Esses critérios elevariam sete filósofos ao *ranking* de grandes filósofos da modernidade: Descartes, Espinosa, Leibniz, Locke, Berkeley, Hume e Kant. A intérprete reconhece que, a partir da década de 1990, novos filósofos “reapareceram”, como Malebranche, Gassendi, Reid, entre outros, mas isso porque se encaixam na narrativa que explica o cânone.

⁷ Cf. MARICONDA, Pablo, “Introdução: Ciência e técnica em *Discurso do método & Ensaios* de Descartes”. Ed. cit. – p. 15.

⁸ PINSKY, C., “Apresentação”, in PERROT, Michelle, *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017 – p. 11.

⁹ Retomamos aqui algumas reflexões que apresentamos no artigo “Sobre Lady Masham e alguns pensamentos ocasionais sobre o cânone em filosofia moderna”, *Revista Seiscentos*, volume 1, número 1, Rio de Janeiro: 2021, p. 40-58.

¹⁰ SHAPIRO, L., “Revisiting the Early Modern Philosophical Canon”, in *Journal of the American Philosophical Association*. Accepted August 30, 2016 – p. 1.